

CIDADE, PENSAMENTO, CIDADANIA

Luís Carlos Boa Nova Valério
Mestrando em Filosofia pela UFSM
luisvalerio@terra.com.br

Dra. Elisete M. Tomazetti

Resumo: Nosso propósito é pensar a ligação entre o que é e para que serve, fundamentalmente, uma cidade, a cidadania e o pensamento, levando-se em conta o conceito de formação. Especularemos sobre o pensamento quando este já constitui uma cidadela. Assim, análogos e radicalmente unidos, o pensamento, a cidade e a cidadania precisam sempre ser repensados também a partir de uma origem. Cidade, pensamento, cidadania Sérgio Buarque de Holanda, em seu clássico *Raízes do Brasil* (1983, p. 61) diz que “a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que se opõem à natureza”, porque se presta ao primado do poder. Ele lembra (*ibidem*) que Max Weber já teria constatado que tanto no Oriente Próximo, como na Grécia e no Império Romano, a criação de uma cidade tinha o objetivo primeiro de instalar organismos de poder. Organizar, disciplinar e garantir a ordem das idéias e determinações de um regime de poder. Holanda esclarece (*ibidem* e ss.) sobre o tanto que diferiam portugueses e espanhóis quanto ao conceito de cidade. Enquanto estes tinham o senso grave de domínio e ordem às minúcias para estipular como deveria ser uma cidade (a geografia era geometricamente calculada e os propósitos eram superiores a simples feitorização), aqueles eram indiferentes ao local (cidade ou campo), pois priorizavam o comércio das riquezas fáceis. Nossas pequenas cidades do interior guardam a forma da planta-baixa romano-espanhola (a praça e suas ruas convergentes), mas a alma dos habitantes (descuidada e divergente) é portuguesa. Como devemos entender nosso pensamento cidadão, intelectual, artístico, religioso, a partir de um ou de ambos destes modelos colonizadores predominantes? Os sentidos e sentimentos que formam a complexidade de um caráter genitivo estão cristalizados no nosso modo de aprender e se envolver com o mundo, a despeito de o século XXI não parecer guardar mais nada em comum com a vida de duzentos, trezentos anos atrás. Dentre tantas questões, escolhemos esta: nesse cidadão que nasce com a marca dos efeitos mestiços e antagônicos dos seus colonizadores, o que significa este espírito de “deixa estar”, “não vale a pena”, como escreveu Aubrey Bell (In: *idem*, p. 76)? Holanda cita o perfil feito por Bell dessa alma portuguesa, relacionando-o ao modo dela estabelecer suas cidades. O espírito que habita de forma desorganizada e desleixada seus territórios (como foi o caso de Salvador com suas ladeiras e ruelas) é uma alma que vive a vida “muitas vezes sem alegria” (*ibidem*). O que certamente se cristalizou em nós daquele espírito ultramarino, e que se faz sentir quando tentamos driblar o mal-estar que surge entre o que devemos ensinar em filosofia e o nosso próprio dia a dia, é esse jeito meio blasé de passar pelas coisas, pelo pensamento, pela cidade e pela cidadania, valorizando o refrão do não vale a pena. Tudo isto é a somatização de uma mesma raiz: uma alma desatenta para consigo e seu entorno. Não alheia ao real, mas realista somente no seu real; revezante entre a

comodidade da aquisição fácil e a autopunição na forma de uma saudade. Não é por acaso que esta palavra só existe no português de lá e cá. Foi o mesmo Aubrey Bell, citado acima, no seu *Portugal of the Portuguese*, em 1915, que comparou o “desleixo” dessa alma com o mesmo tom da saudade. E Danilo Moraes, distante noventa e dois anos de Bell, dirá num dos versos da sua canção *Herança Nordestina* (de 2007) “Que a saudade é nossa grande herança” A propósito da alegria que falta nessa alma, como dizia Holanda, cada vez que pensamos em fundar nossos projetos mais importantes, é justamente a tristeza que nos transforma em críticos grandiloquentes da nação, da família, da escola, de nós mesmos. Críticos apassivados, porque distantes do labor da política, mergulhamos na saudade de uma pátria que nunca chega. Como diria a artista plástica portuguesa Alice Valente Alves, em seu texto *Crenças e poder – do dever em não devir*, nós temos muita urgência em resolver nossos deveres, mas nenhuma pressa com os nossos devires. Os devires do corpo, do pensamento, da cidade, da cidadania, da formação, são transcursores sem normas, sem obediências, sem grandiloquências; não são caminhos para nos entreter, ou como diz Alice As crenças por poder ou o poder das atuais crenças em deveres obrigados a serem cumpridos a todo custo geram mitos, entretenimentos, distrações e passatempos (...) O entretenimento faz esquecer a forma genuína de se pensar direcionado a um bem comum a todos. O entretenimento não provoca prazer, mas sim gozo, é uma forma de fazer esquecer ou diluir o pensamento no menor esforço possível (...) O entretenimento será inteiramente ligado ao dever, e é o que fica do que não foi possível criar (...) (2007, p. 4-5). Tal como depreendemos do clássico estudo da alma cidadã brasileira feito por Holanda, inclusive quando ele analisa com tanta profundidade a exacerbada cordialidade que habita o caráter do brasileiro (1983, p. 101 ss.), Alice, na citação acima, converge para os mesmos pontos de Holanda. Ela traduz as relações de dever com a crença e o entretenimento, e quando diz que o entretenimento “é uma forma de fazer esquecer ou diluir o pensamento”, isto se junta ao “desleixo” e a “saudade” e até mesmo a falta de alegria de que falavam Holanda e Bell. O pensamento que é uma cidade, que exerce uma cidadania sob os hábitos de uma formação de feitoria, que se obscurece na comodidade da sua cidadela, só contribui para uma ética da infelicidade ou do entretenimento fútil. Porque nos sentimos muitas vezes constrangidos quando ensinamos filosofia, justamente porque parece que apenas a estamos comentando, cabe perguntar sempre: que fazemos quando lecionamos filosofia? Estamos buscando devires ou apenas reiterando deveres? Nossa cidade, pensamento, cidadania e formação necessitam de respostas a estas questões.

Palavras-chave: cidade, cidadania, pensamento, filosofia

Nosso propósito é pensar a ligação entre o que é e para que serve, fundamentalmente, uma cidade, a cidadania e o pensamento, levando-se em conta o conceito de formação. Especularemos sobre o pensamento quando este já constitui uma cidadela¹. Assim,

¹ O pensamento enquanto uma *cidadela* é como uma fortaleza construída com a finalidade de proteger um conjunto de doutrinas, crenças e saberes específicos da sua formação. Raros são os casos em que alguém foi autor (a) de uma fuga bem sucedida dos limites dessa cidadela.

análogos e radicalmente unidos, o pensamento, a cidade e a cidadania precisam sempre ser repensados também a partir de uma origem.

Cidade, pensamento, cidadania

Sérgio Buarque de Holanda, em seu clássico *Raízes do Brasil* (1983, p. 61) diz que “a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que se opõem à natureza”, porque se presta ao primado do poder. Ele lembra (ibidem) que Max Weber já teria constatado que tanto no Oriente Próximo, como na Grécia e no Império Romano, a criação de uma cidade tinha o objetivo primeiro de instalar organismos de poder. Organizar, disciplinar e garantir a ordem das idéias e determinações de um regime de poder.

Holanda esclarece (ibidem e ss.) sobre o tanto que diferiam portugueses e espanhóis quanto ao conceito de cidade. Enquanto estes tinham o senso grave de domínio e ordem às minúcias para estipular como deveria ser uma cidade (a geografia era geometricamente calculada e os propósitos eram superiores a simples feitorização), aqueles eram indiferentes ao local (cidade ou campo), pois priorizavam o comércio das riquezas fáceis. Nossas pequenas cidades do interior guardam a forma da planta-baixa romano-espanhola (a praça e suas ruas convergentes), mas a alma dos habitantes (descuidada e divergente) é portuguesa.

Como devemos entender nosso pensamento cidadão, intelectual, artístico, religioso, a partir de um ou de ambos destes modelos colonizadores predominantes? Os sentidos e sentimentos que formam a complexidade de um caráter genitivo estão cristalizados no nosso modo de aprender e se envolver com o mundo, a despeito de o século XXI não parecer guardar mais nada em comum com a vida de duzentos, trezentos anos atrás.

Dentre tantas questões, escolhemos esta: nesse cidadão que nasce com a marca dos efeitos mestiços e antagônicos dos seus colonizadores, o que significa este espírito de “deixa estar”, “não vale a pena”, como escreveu Aubrey Bell (In: idem, p. 76)? Holanda cita o perfil feito por Bell dessa alma portuguesa, relacionando-o ao modo dela estabelecer suas cidades. O espírito que habita de forma desorganizada e desleixada seus territórios (como foi o caso de Salvador com suas ladeiras e ruelas) é uma alma que vive a vida “muitas vezes sem alegria” (ibidem).

O que certamente se cristalizou em nós daquele espírito ultramarino, e que se faz sentir quando tentamos driblar o mal-estar que surge entre o que devemos ensinar em filosofia e o nosso próprio dia a dia, é esse jeito meio *blasé* de passar pelas coisas, pelo

pensamento, pela cidade e pela cidadania, valorizando o refrão do *não vale a pena*². Tudo isto é a somatização de uma mesma raiz: uma alma desatenta para consigo e seu entorno. Não alheia ao real, mas realista somente no *seu* real; revezante entre a comodidade da aquisição fácil e a autopunição na forma de uma saudade. Não é por acaso que esta palavra só existe no português de lá e cá. Foi o mesmo Aubrey Bell, citado acima, no seu *Portugal of the Portuguese*, em 1915, que comparou o “desleixo” dessa alma com o mesmo tom da saudade. E Danilo Moraes, distante noventa e dois anos de Bell, dirá num dos versos da sua canção *Herança Nordestina* (de 2007) “Que a saudade é nossa grande herança”³

A propósito da alegria que falta nessa alma, como dizia Holanda, cada vez que pensamos em fundar nossos projetos mais importantes, é justamente a tristeza que nos transforma em críticos grandiloquentes da nação, da família, da escola, de nós mesmos. Críticos apassivados, porque distantes do labor da política, mergulhamos na saudade de uma pátria que nunca chega.

Como diria a artista plástica portuguesa Alice Valente Alves, em seu texto *Crenças e poder – do dever em não devir*⁴, nós temos muita urgência em resolver nossos deveres, mas nenhuma pressa com os nossos devires. Os devires do corpo, do pensamento, da cidade, da cidadania, da formação, são transcursores sem normas, sem obediências, sem grandiloquências; não são caminhos para nos entreter, ou como diz Alice

As crenças por poder ou o poder das atuais crenças em deveres obrigados a serem cumpridos a todo custo geram mitos, entretenimentos, distrações e passatempos (...) O entretenimento faz esquecer a forma genuína de se pensar direcionado a um bem comum a todos. O entretenimento não provoca prazer, mas sim gozo, é uma forma de fazer esquecer ou diluir o pensamento no menor esforço possível (...) O entretenimento será inteiramente ligado ao *dever*, e é o que fica do que não foi possível criar (...) (2007, p. 4-5).

Tal como depreendemos do clássico estudo da alma cidadã brasileira feito por Holanda, inclusive quando ele analisa com tanta profundidade a exacerbada cordialidade que habita o caráter do brasileiro (1983, p. 101 ss.), Alice, na citação acima, converge para

² Vide os últimos grandes escândalos nacionais envolvendo o poder central: 2007 foi um ano marcante na revelação da profundidade da corrupção nos três poderes do nosso país. No entanto, o que aconteceu em resposta a isto? Nada. O povo e todas as organizações sociais reagiram com o mais passivo silêncio.

³ Ver e ouvir In: <http://www.youtube.com/watch?v=gAuU41kQuTE> e ler a letra in: <http://danilo-moraes.musicas.mus.br/letras/326542/>. Acessos em 15/03/08.

⁴ Única forma de acessar o texto de Alice: na guia pesquisar do Google coloque “Crenças e Poder - Do Dever em não Devir”; o primeiro link será o trabalho de Alice; é só abrir. Acesso em 12 de março de 2008.

os mesmos pontos de Holanda. Ela traduz as relações de dever com a crença e o entretenimento, e quando diz que o entretenimento “é uma forma de fazer esquecer ou diluir o pensamento”, isto se junta ao “desleixo” e a “saudade” e até mesmo a falta de alegria de que falavam Holanda e Bell.

O pensamento que é uma cidade, que exerce uma cidadania sob os hábitos de uma formação de feitoria⁵, que se obscurece na comodidade da sua cidadela, só contribui para uma ética da infelicidade ou do entretenimento fútil.

Porque nos sentimos muitas vezes constrangidos quando ensinamos filosofia, justamente porque parece que apenas a estamos comentando, cabe perguntar sempre: que fazemos quando lecionamos filosofia? Estamos buscando devires ou apenas reiterando deveres?

Nossa cidade, pensamento, cidadania e formação necessitam de respostas a estas questões.

Referências Bibliográficas

ALVES, A. V. **Crenças e poder – do dever em não devir**. Único forma de acesso ao texto: na guia “pesquisar” do Google coloque “Crenças e Poder - do Dever em não devir”; o primeiro link será o trabalho de Alice; é só abrir. Acesso em 12 de março de 2008.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

MORAES, D. **Herança Nordestina** (música e letra). In: <http://br.youtube.com/watch?v=gAuU41kQuTE> (apresentação musical); In: <http://danilo-moraes.musicas.mus.br/letras/326542/> (letra). Acesso em 14 de março de 2008.

⁵ Leia-se: comerciadora.

